sino e na Secretaria da Educação.

Tudo isso faz parte do cotidiano do bom diretor, sem esquecer da parte administrativa da escola: a gestão de recursos, atribuição de responsabilidades etc., ou seja, para desempenhar todas essas funções com competência é preciso saber articular, ter capacidade administrativa, pedagógica, de recursos humanos e políticas públicas educacionais. A sensibilidade do profissional às demandas de sua comunidade escolar e a permanente abertura à discussão também são pontos fundamentais.

Oferecer um ensino de qualidade e possibilitar o acesso e permanência do aluno com sucesso, na escola o que só é possível quando o trabalho é realizado de forma eficiente, sobretudo transparente, nunca deixando de respeitar os direitos e interesses da comunidade que a Instituição está inserida.

Acompanhar o planejamento em conjunto, assim como a execução dos planos de aula em sala de aula ou fora dela, realização de gincanas, reuniões bimestrais com pais, professores e alunos para monitoramento dos resultados, ajuda a possibilitar a gestão democrática.

A qual só é possível uma escola democrática quando com sucesso se consegue o envolvimento e comprometimento de toda a comunidade escolar, direção, professores, funcionários, pais, alunos e estreitamento dos laços de parcerias junto a Secretarias de Educação, órgãos estes, que orientam a Instituição quanto ao trabalho, seja na área administrativa, pedagógica, financeira ou jurídica enfatizando sempre a valorização humana, sendo o aluno, sempre o centro das atenções e a oferta das modalidades de ensino oportuniza aos discentes, condições de serem participativos no contexto escolar, valorizando-os e tornando-os através da educação, cidadãos conscientes e preparados para interagir na sociedade.

REFERÊNCIA

LIBÂNEO, J.C. Organização e Gestão da Escola – teoria e prática. Editora do Autor, Goiânia, 2000.

UNESCO/MEC. Gestão da Escola Fundamental. Ed. Cor parcelarização do conhecimento. (HOFFMANN, 2001, p. 18)

P.P.P. Projeto Político Pedagógico

FERREIRA. Nayria Carapeto. Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios. 3ª Ed. - São Paulo: Cortez. 2001.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n º 9394/1996

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. 3. ed. São Paulo: Ática, 2012. Pág. 150

BULLYING E CYBER-BULLYING – EVIDÊNCIAS E PRESENÇA CONSTANTE NOS AMBIENTES ESCOLARES

SILVINEIA ADRIANA RIGONATTI DE ARAUJO

RESUMO:

Este artigo é baseado numa construção de estudos e reflexões já abordadas e mencionadas em literaturas diversas, que apresenta uma reflexão sobre o Bullying, um conjunto de violência física, verbal, mental ou conhecido nas vias sociais, como Cyberbullying, um dos maiores problemas já evidenciados e presenciados nos ambientes escolares e redes sociais por todos, seja pelo corpo discente, docente ou ambos e parece ser cada vez mais presente, mesmo com conscientizações, campanhas nos espaços escolares. E o que a Educação Básica pode contribuir para diminuição ou extinção desse problema?

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Bullying; Cyberbullying, Violência.

ABSTRACT:

This article, based on a construction of studies and reflections already addressed and mentioned in various literatures, presents a reflection on Bullying, a set of physical, verbal, mental or known social pathways, such as cyberbullying, a set of physical, verbal, mental or known social ways, such as cyberbullying, one of the biggest problems already evidenced and witnessed in school environments and social networks by all, whether by the student body, teacher or both and seems to be increasingly present, even with awareness, campaigns in school spaces. And what can Basic Education contribute to the reduction or extinction of this problem?

KEYWORDS: Education; Bullying; Cyberbullying; Violence.

1 INTRODUÇÃO

As escolas vêm evidenciando situações de violência constantemente que estão tomando proporções assustadoras em nossa sociedade. As situações de violência, que anteriormente aconteciam de forma isoladas,

se tornaram muito frequente em nossos dias e em todas as etapas da Educação Básica, o que antes era mais comum na adolescência.

Fante (2003, 2005, apud Francisco, Libório 2008) aponta que a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades. O que a torna questão preocupante é a grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade, até mesmo no Ensino Fundamental I, por exemplo. Nesse contexto, vários estudos e pesquisas vêm sendo desenvolvidos com o intuito de contribuir para que a violência seja extirpada ou minimizada, não somente no ambiente escolar, mas em todas as esferas de relacionamentos sociais (Abramovay, 2003; Debarbieux & Blaya, 2002; Ortega & Del Rey, 2002, apud

Francisco, Libório, 2008)

O bullying e cyberbullying vêm ganhando força rapidamente e de forma assustadora em uma sociedade em que os valores estão invertidos, em que xingamentos e ofensas fazem parte da vida das crianças de maneira desesperadora, isso presenciado muito e relatado pelo senso comum.

Muitas unidades escolares não sabem nem como punir, o que não é também o único caminho, mas orientar, quando muitas vezes, o docente também está inserido neste contexto. Apesar de ser considerado crime, a sensação é de que pouco é feito, e a cada dia parece ser mais constante essa violência nas escolas.

2. DESENVOLVIMENTO

Para Diana (2022), O bullying corresponde à prática de vários atos de violência que podem ser de origem física ou psicológica, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada vítima. Em outros termos, significa todo tipo de tortura física ou verbal que atormenta uma pessoa e está presente no mundo inteiro. O termo em inglês "bullying" é derivado da palavra "bully" (tirano, brutal, agressão). Ainda que esse tipo de agressão tenha sempre existido, o termo foi originado na década de 70 pelo psicólogo sueco Dan Olweus. O Bullying, aqui nesta pesquisa, tem o foco maior nas unidades escolares, mas pode ser onde existe o contato interpessoal, seja no clube, na igreja, na própria família ou em qualquer outro ambiente. E recentes pesquisas vêm mostrando que essa prática tem aumentado consideravelmente nos últimos anos no país e no mundo.

Enquanto Cyberbullying para UNICEF (2022), é o bullying realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas, mas de forma virtual. Exemplos incluem: espalhar mentiras ou compartilhar fotos constrangedoras de alguém nas mídias sociais; enviar mensagens ou ameaças que humilham pelas plataformas de mensagens; se passar por outra pessoa e enviar mensagens maldosas aos outros em seu nome.

Ambos são considerados crimes no Brasil, previsto pelo Código Penal. Embora não seja a melhor punição quando se trata de criança e adolescente, pois o que é válido é o entendimento que não se deve realizar e as consequências que devem gerar a vítima e ao agressor.

O bullying sempre tem como objetivo ferir e magoar a vítima, ocorrendo principalmente de três maneiras: agressões físicas diretas; agressões verbais diretas; e agressões indiretas (PEREIRA, 2002; SMITH et al., 2008; CRAIG et al., 2009; PUHL; KING, 2013, apud ZEQUINÃO, et al. 2016). A agressão física direta engloba ataques abertos à vítima envolvendo ações individuais ou em grupo contra uma única pessoa, através de agressões com tapas, empurrões, pontapés, cuspes, roubos, estragos de objetos e a submissão do outro a atividades servis. A agressão verbal direta envolve ações de insultos em público, incluindo xingamentos, provocações, ameaças, apelidos maldosos, comentários racistas, ofensivos ou humilhantes. E a agressão indireta se dá pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, dificultando as relações da vítima com os pares ou prejudicando a sua posição social, por meio de boatos, ignorando a presença da vítima ou ameaçando os outros para que não brinquem com ela (BJORKQVIST; ÖSTERMAN; KAUKAINEN, 1992; PEREIRA, 2002; MCGRATH, 2007; ANTUNES et al., 2008; PUHL; KING, 2013, apud ZEQUINÃO, et al. 2016). Além desses, alguns outros tipos de bullying vêm sendo relatados na literatura, como a agressão sexual (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001; RUNYON et al., 2006; MCGRATH, 2007; ANTUNES et al., 2008; SANTOS, 2010; ESPELAGE et al., 2013, apud ZEQUINÃO, et al. 2016), a extorsão, na qual os agressores exigem dinheiro ou bens através de ameaças, e o cyberbullying, que consiste na vitimização ocorrida no espaço virtual de maneira direta ou indireta (SMITH; ANANIADOU;

COWIE, 2003; AGATSTON, KOWALSKI; LIMBER, 2007; CHIBBARO,

2007; MCGRATH, 2007; WOLAK; MITCHELL; FINKELHOR, 2007; ANTUNES et al., 2008; SAMITH et al., 2008; WONG et al., 2008; RAIMUNDO; SEIXAS, 2009; TSANG;

HUI; LAW, 2011, apud ZEQUINÃO, et al. 2016)

De acordo com Curso Escola e Educação (2014) em 2016, a Lei nº 13.185/2015 instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, com o objetivo principal de

prevenir e combater a prática de bullying em toda a sociedade. A lei institui também o 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência nas Escolas. A escolha da data está relacionada à tragédia que ocorreu em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso de Oliveira e matou 11 crianças.

De acordo com Curso Escola e Educação (2014), o cyberbullying pode ser punido por meio do Código Penal quando configura: crimes contra a honra (calúnia, difamação e injúria – Artigo 138 do Código Penal Brasileiro); crime de injúria racial (ataques racistas – Artigo 140 do Código Penal Brasileiro); exposição de imagens de conteúdo íntimo, erótico ou sexual (Artigo 218-C do Código Penal Brasileiro incluído pela Lei 13.718, de 2018). Em todos os casos descritos acima, as punições previstas no Código Penal Brasileiro podem chegar a quatro anos de reclusão. Já na esfera civil, os praticantes de cyberbullying podem ser condenados a pagar indenizações por dano moral. Nos casos em que o agressor é menor de idade, os seus responsáveis respondem pelos crimes diante do tribunal e podem ser condenados a pagar indenizações à vítima e a sua família.

Para a autora Diana (2022), conflitos entre crianças e adolescentes são comuns, pois trata-se de uma fase de insegurança e autoafirmação. Porém, quando os desentendimentos são frequentes e partem para humilhações, é aí que o bullying prolifera. Nas escolas, as agressões geralmente são praticadas longe das autoridades. Ocorrem normalmente na entrada ou saída do prédio, ou ainda quando os professores não estão por perto. Podem também acontecer de forma silenciosa, na sala de aula, na presença do professor, com gestos, bilhetes etc. As agressões físicas são mais difíceis de serem escondidas e muitas vezes levam a família a transferir a vítima para outra escola.

O fenômeno bullying se diferencia de outras agressões pela persistência e intencionalidade, além de possuir três aspectos marcantes no que diz respeito a sua caracterização: o ato agressivo não resulta de uma provocação; não é ocasional; e é relevante a desigualdade de poder entre alunos agressores e vítimas (SALMIVALLI, 1996; PEREIRA, 2002; RAIMUNDO; SEIXAS, 2009, apud ZEQUINÃO et al, 2016). Além disso, Rocha, Costa e Neto (2013, apud ZEQUINÃO et al, 2016) também destacam que, para ser considerada bullying, a agressão deve ocorrer entre pares e que, apesar do fenômeno ser caracterizado como uma agressão, nem toda a agressão é classificada como bullying. Para ser dada como tal, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: intenção do autor em ferir o alvo; repetição da agressão; presença de público espectador; e concordância do alvo com relação à ofensa.

O estudo pelo bullying também é acometido em outros países e no Brasil tem sido discutido recentemente. Como referência de estudos, Fante (2003, 2005) que realizou estudos de caracterização de bullying em cidades do interior do estado de São Paulo-SP e Lopes Neto (2005) que junto da Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, com mais de 5.500 alunos de 5as a 8as séries do Ensino Fundamental, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, ao investigar as características de tais atos, além de sistematizar estratégias para intervir e reduzir a agressividade entre os escolares; Mascarenhas (2006) que trabalhou com uma amostra de 300 sujeitos de diferentes turmas de Ensino Fundamental e Médio, Educação de Jovens e Adultos, além de professores, em uma investigação-ação na zona urbana de Porto Velho-RO, e que apontou à necessidade de medidas preventivas frente à gestão institucional do bullying e da indisciplina (Francisco, Libório, 2008), mas em muitas escolas ainda não são tomadas atitudes preventivas e sim remediadas, de intervenções pós acontecido.

As consequências para quem é vítima de bullying ou cyberbullying envolve a saúde emocional e o bem-estar de estudantes e professores na esfera escolar, assim Palácios e Rego (2006, apud Francisco e Libório, 2008) fizeram uma análise da literatura, com o objetivo de apontar que o bullying não é somente um mero problema estudantil, mas como um fenômeno no qual a relação entre professores e alunos deve ser considerada.

Conforme Fante (2003, 2005, apud Francisco e Libório,2008) e Lopes Neto (2005, apud Francisco e Libório) os praticantes do bullying são conhecidos como autores agressores. Os alvos, as pessoas vitimizadas, geralmente sofrem as consequências do bullying e, na maioria das vezes são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa autoestima, quietas e que não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos.

Enquanto para Diana (2022), geralmente, as vítimas do bullying têm vergonha e medo de falar à família sobre as agressões que estão sofrendo e, por isso, permanecem caladas. É muito comum as vítimas de agressão física ou verbal ficarem marcadas e essa ferida pode se perpetuar por toda a vida. Em alguns casos, a ajuda psicológica é fundamental para amenizar a difícil convivência com memórias tão dolorosas, mas até cegar nessa ajuda, depende de muitos fatores e quando a criança/adolescente inserido em um mundo em que não tem acesso, mais difícil é. Enquanto pais e responsáveis, cabem notar os sintomas das crianças e/ou adolescentes e perceber alguma diferença no comportamento, contactar os responsáveis da escola e ainda ter uma conversa franca com a pessoa que foi agredida.

Para Diana (2022), o agressor escolhe

um perfil que considera mais fraco que ele mesmo, baseado em algumas características que muitas vezes em geral, o agressor não as possui, por exemplo, uma vítima de um estudante muito inteligente, conhecido como "nerd". O agressor muito provavelmente não é um bom estudante. O agressor tem uma mente perversa e às vezes doentia. Ele é consciente de seus atos e consciente que suas vítimas não gostam de suas atitudes, mas agride como forma de se destacar entre seu grupo. Assim, os agressores pensam que serão mais populares e sentem o poder com esses atos. As vítimas que normalmente destoam da maioria por alguma peculiaridade. Os alvos preferenciais são: os alunos novatos; os extremamente tímidos; os que têm traços físicos que fogem do padrão; os que têm excelente boletim, o que serve para atiçar a inveja e a vingança dos menos estudiosos. Para Zequinão et al (2026), são aqueles que têm piores relações com pares e consomem menos drogas (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001). As pessoas com deficiência física e mental (CRUZ; SILVA; ALVES, 2007), com diferentes orientações sexuais e de gênero (LYZNICKI; MCCAFFREE; ROBINOWITZ, 2004; RIVERS, 2004; MÉNDEZ, 2007; MÉNDEZ; CETO, 2007; LEVASSEUR; KELVIN; GROSSKOPF, 2013; PATRICK ET AL., 2013), com defeitos congênitos ou adquiridos, (LOUIS ET AL., 2005) e com sobrepeso (STRAUSS; POLLACK, 2003) são as principais vítimas do bullying.

As consequências para as vítimas de bullying são enormes, podendo chegar até o suicídio, como visto na prática e teorias/estudos. Alguns sintomas são bem traumáticos. Para Diana (2016), as vítimas do bullying têm vergonha e medo de falar à família sobre as agressões que estão sofrendo e, por isso, permanecem caladas. As vítimas de agressão física ou verbal ficam marcadas e essa ferida pode se perpetuar por toda a vida. Em alguns casos, a ajuda psicológica é fundamental para amenizar a difícil convivência com memórias tão dolorosas. Para Francisco e Libório (2008), a intimidação e a vitimização são processos de grande complexidade que se produzem no marco das relações sociais e com frequência no meio escolar, podendo agravar progressivamente o problema com severas repercussões a médio e longo prazos para os implicados.

Esses indivíduos que sofreram vitimização na infância, em curto prazo, são mais propensos ao abandono escolar (STONE; HAN, 2005, apud ZEQUINAO, et al, 2016), podem ter dificuldades nas atividades escolares, ficar doentes ou indispostos e ter problemas com o sono (SHARP; THOMPSON, 1992, ZEQUINAO, et al, 2016). Em longo prazo, são mais propensos a sofrer de bloqueios psicológicos (LOPES NETO, 2005, ZEQUINAO, et al, 2016), e de perturbações mentais na vida adulta (PIEDRA; LAGO; MASSA, 2006, ZEQUINAO, et al, 2016), tendem a ter maior dificuldade de se relacionar com os outros, pior autoestima. E a mais preocupante de todas as consequências do bullying – tornam-se mais propensos a cometer suicídio (SMITH; MADSEN, 1996; HENRY ET AL., 2013, ZEQUINAO, et al, 2016; LEVASSEUR; KELVIN; GROSSKOPF, 2013; PAN; SPITTAL, 2013; PATRICK ET AL., 2013; PUHL; KING, 2013, ZEQUINAO, et al, 2016).

2.1 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização desse estudo utilizou-se como instrumento de pesquisa: artigos, obras, citações e relatos de pesquisadores e autores sobre o tema abordado já registrados na literatura. Uma coleta de informações e dados desses registros foram analisados, sistematizados e reescritos como revisão de literatura.

Sendo este estudo uma pesquisa de revisão de literatura, todos os instrumentos analisados, específicos utilizados de forma correta, auxiliaram no alcance dos objetivos almejados deste estudo sem inferência e interpretação errônea.

2.2 DISCUSSÃO

Diante das informações obtidas referente ao tema abordado, este estudo apresenta um campo mais maduro para discussão, visto que há grande número de estudos disponíveis na literatura investigando conceitos, seus supostos benefícios, limitações, causas, consequências e ampliação para futuras pesquisas. Também tem a finalidade de contribuir para incitar a reflexão sobre a bullying nas escolas, violência no ambiente escolar.

Todos os artigos, obras, trechos de obras, citações selecionadas referem-se às publicações brasileiras. Após leitura e fichamento dos documentos selecionados, foi feita uma análise e escrita sobre educação, políticas públicas e gestão democrática. Sendo assim, evidencia-se a necessidade de haver mais pesquisas sobre o assunto, por ser um tema amplo e de grande importância na aprendizagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas como mencionado anteriormente vêm evidenciando situações de violência constantemente, sejam físicas, verbais ou virtuais, que estão tomando proporções assustadoras em nossa sociedade. As situações de violência, que anteriormente aconteciam de forma isoladas, hoje se manifestam a todo instante e em todas as etapas da Educação Básica.

Vários estudos têm sido discutidos e apresentados referente ao assunto que é muito presente nas escolas, em que o foco